

HISTÓRIA DO ENSINO DE ARTE: UMA EXPERIÊNCIA NA EDUCAÇÃO MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA (1990-2000)

Cesária Alice Macêdo*
Décio Gatti Júnior**

RESUMO

Este trabalho pretende reconstituir a trajetória do Ensino de Arte na Educação Municipal de Uberlândia, no período de 1990 a 2000, destacando suas transformações e particularmente a implementação do Projeto de Arte-Educação. Tendo como proposta a ampliação do espaço da disciplina Educação Artística no currículo das escolas municipais, este projeto procura atender a todos os alunos, nas diferentes fases de desenvolvimento, tanto nas escolas de zona rural quanto nas de zona urbana, oportunizando o fazer artístico, a leitura de obras de arte e o conhecimento da história da arte, buscando mudar o conceito da arte e seu ensino, visto sempre como apenas mais uma atividade na escola. Interessa-nos sobretudo destacar as representações dos professores, seus saberes, suas práticas, como essas transformações foram percebidas por eles e os reflexos em sua formação continuada. Para o objetivo proposto, torna-se fundamental recuperar o aspecto histórico do ensino de arte no Brasil, considerando-se como marcos fundadores, o processo de industrialização, o modernismo e o pós-modernismo, suas principais influências teóricas e conceituais e as metodologias tributárias da gênese, desenvolvimento e transformações desse ensino. Do ponto de vista operacional, nessa investigação, a abordagem metodológica escolhida foi a pesquisa qualitativa, partindo da análise de registros/fontes tais como: Projeto de Arte-Educação das Escolas Municipais de Uberlândia, Proposta Curricular para o Ensino de Arte nas Escolas Municipais de Uberlândia e também como fonte complementar a história oral temática, utilizando-se de entrevistas.

Palavras-Chave: História, Arte, Ensino

O tema desta investigação refere-se à experiência de implementação e desenvolvimento do Projeto de Arte-Educação e das transformações ocorridas no ensino da Arte, nas Escolas Municipais de Uberlândia, no período de 1990 a 2000. Trata-se do estudo e da análise de uma disciplina escolar denominada Educação Artística, ministrada no âmbito da Escola Pública Municipal, considerando-se ainda sua interface com os contextos local, regional e nacional.

Reconstruir a história de uma disciplina escolar implica contextualizá-la em seu lócus - as instituições educacionais, levando-se em conta não só o universo social que a envolve, como também, segundo Antônio NÓVOA: [...] uma dimensão própria, enquanto espaço organizacional onde também se tomam importantes decisões educativas, curriculares e pedagógicas.” (NÓVOA, 1992: 34).

Diferentemente de outros países onde é reconhecida como conhecimento importante para a formação cultural dos cidadãos, no Brasil, a Arte como disciplina escolar, enfrenta preconceitos, como observa Fayga OSTROWER:

* Mestre em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia. Contatos: camacedo@ras.ufu.br

** Doutor em Educação: História e Filosofia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professor de História da Educação da Universidade Federal de Uberlândia. Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas em História e Historiografia da Educação. Sócio-fundador da Sociedade Brasileira de História da Educação. E-mail: degatti@uol.com.br

Em nossa sociedade, a posição diante do fenômeno artístico é, no mínimo, ambivalente quando não bastante contraditória. Por um lado, reconhece-se a obra de arte, produto do fazer artístico, como algo valioso em termos financeiros; por outro, o fazer artístico em si é considerado inútil, mera diversão ou lazer, terapia talvez, mas nunca trabalho, no sentido de uma produtividade responsável e engajada e, menos ainda, no sentido da realização de uma necessidade social. Quando se comenta que uma pessoa é artista, vem freqüentemente a pergunta: “Artista? Mas porque ele não trabalha?” (OSTROWER, 1986)

Além disso, as diferenças regionais, econômicas e sócio-culturais acentuam a dificuldade de se estabelecer os mesmos parâmetros para a disciplina que pretende, prioritariamente, formar um “fruidor” que seja capaz de decodificar as linguagens artísticas, a partir de suas próprias experimentações e vivências, desde os primeiros anos escolares.

Assim, essa investigação foi realizada tomando-se como referência o Projeto de Arte-Educação, desenvolvido pela Secretaria Municipal de Educação de Uberlândia, com o objetivo de ampliar o espaço da disciplina Educação Artística no currículo das escolas municipais, procurando atender a todos os alunos, nas diferentes fases de desenvolvimento, tanto na zona rural quanto na urbana. Essa disciplina, até então, era precariamente oferecida por um professor contratado, que atuava em todas as escolas de 5ª a 8ª séries, localizadas na zona rural para contemplar a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação 5692/71) que incluiu a disciplina no currículo das escolas brasileiras.

Durante os três primeiros anos de sua implantação, ou seja, de 1990 a 1993, o projeto foi reestruturado ano a ano coletivamente, respeitando-se a experiência e o conhecimento dos novos professores da área, aprovados nos Concursos Públicos realizados a partir dos anos 90.

Diante disso, o Projeto de Arte-Educação foi elaborado para subsidiar a reflexão e a prática dos professores, no que diz respeito aos conteúdos e procedimentos metodológicos da disciplina Educação Artística, considerando-se o que diz FERRAZ & FUSARI:

É nessa abrangência que a arte deve compor os conteúdos de Arte nas escolas e mobilizar as atividades que diversifiquem e ampliem a formação artística e estética dos estudantes. As vivências emotivas e cognitivas tanto de fazeres quanto de análises do processo artístico nas modalidades: artes visuais, música, teatro, dança, artes audiovisuais devem abordar os componentes “artistas-obras-público-modos de comunicação” e suas maneiras de interagir na sociedade. (FERRAZ & FUSARI, 1993: 17).

No período de 1995 a 1996, um grupo de professores de Educação Artística da Secretaria Municipal de Educação, sob a orientação de profissionais da Universidade Federal de Uberlândia, do Departamento de Artes Plásticas - DEART, retomou os estudos nesta área e elaborou diretrizes para uma proposta curricular, visando a unificação do ensino de arte nas escolas municipais.

A essas reflexões devem ser acrescentadas às da professora Ana Mae BARBOSA, uma das precursoras do movimento de Arte-Educação no Brasil, que denuncia os “equivocos” cometidos pelos órgãos oficiais ao tratarem do ensino de arte sem considerarem a sua base, ou seja, a formação dos professores:

A arte tem sido matéria obrigatória em escolas primárias e secundárias (1º e 2º graus) no Brasil já há 17 anos. Isto não foi uma conquista de arte-educadores brasileiros, mas uma criação ideológica de educadores norte-americanos que, sob um acordo oficial (Acordo MEC-USAID), reformulou a educação brasileira, estabelecendo em 1971 os objetivos e o currículo configurado na Lei Federal n.º 5692 de Diretrizes e Bases da Educação (BARBOSA, 1991: 9).

Porém, na ocasião em que a Lei 5.692/71 foi promulgada, não havia cursos de formação de professores de artes, apenas de desenho ou desenho geométrico. Para atender a necessidade imposta pela lei, foram criados os cursos de Licenciatura em Educação Artística que pretendiam preparar os futuros arte-educadores em apenas dois anos, para serem capazes de ministrar aulas de música, teatro e artes visuais da 1ª à 8ª série e até no 2º grau. Em relação a esse aspecto, BARBOSA acrescenta:

É um absurdo epistemológico ter a intenção de transformar um jovem estudante (a média de idade de um estudante ingressante na universidade no Brasil é 18 anos), com um curso de apenas dois anos em um professor de tantas disciplinas artísticas. (BARBOSA, 1991: 45).

Evidentemente, os resultados dessa formação inadequada não demoraram a aparecer em sala de aula, pois o professor se via totalmente despreparado para lidar com tantas e tão complexas linguagens artísticas ao mesmo tempo. Nesse sentido, Louis PORCHER reconhece que:

Como seria de se esperar, surge aqui mais uma vez a questão que é uma encruzilhada de toda reflexão pedagógica: a da formação dos professores. É no domínio artístico que ela é, com certeza, mais insuficiente. (PORCHER, 1982: 23).

Porém, os anos 80 ficaram marcados pela atuação política de arte-educadores que, comprometidos com a mudança desse quadro, organizaram-se em associações por todo o país criando a Federação de Arte-Educadores do Brasil - FAEB, sendo que, um de seus reflexos foi o surgimento de cursos de especialização para minimizar os problemas de formação dos professores. Em 1982, na USP, foi criado o primeiro programa de Mestrado em Arte-Educação.

A partir desse período, os cursos de licenciatura têm sido reformulados, extinguindo-se as licenciaturas curtas que eram oferecidas em apenas 2 anos, procurando-se atender às especificidades das linguagens artísticas porque para Fayga OSTROWER:

Quanto melhor se conhece a própria linguagem, tanto mais se respeitará o caráter de outras linguagens, conseguindo-se eventualmente perceber nelas certos relacionamentos análogos. Síntese de estruturas e conteúdos (OSTROWER, 1995: 219).

Do ponto de vista operacional, nessa investigação, a abordagem metodológica escolhida foi a pesquisa qualitativa, partindo da análise de registros/fontes tais como: Projeto de Arte-Educação das Escolas Municipais de Uberlândia, Proposta Curricular para o Ensino de Arte nas Escolas Municipais de Uberlândia, Parâmetros Curriculares Nacionais - Arte

(PCN/ARTES/96) e também, com fonte complementar, a história oral temática.

O levantamento de documentos oficiais, fontes históricas, considerando que os arte-educadores têm histórias a serem reveladas, atuando num tempo presente, levaram-nos a acreditar que a história oral poderia auxiliar numa reflexão mais aprofundada sobre a disciplina em questão e sobre os profissionais que escolheram esta área de conhecimento e a escola pública como lócus de trabalho, porque para MEIHY:

[...] a história de Tempo Presente pode permitir com mais facilidade a necessária articulação entre de um lado, a descrição das percepções e das representações dos atores, e de outro, a identificação das determinações e das interdependências desconhecidas que tecem os laços sociais. Assim a História de Tempo Presente constitui um lugar privilegiado para uma reflexão sobre as modalidades e os mecanismos de incorporação do social pelos indivíduos de uma mesma formação social (MEIHY, 1996: 57).

Portanto, olhar com mais atenção para a internalidade do trabalho do arte-educador, significa desvelar suas representações, seus saberes, suas práticas, seus processos de apropriação e transmissão do conhecimento acumulado historicamente.

Se considerarmos que o ensino de Arte tal qual o ensino da Geografia, da História, é uma área de conhecimento responsável pela formação de cidadãos críticos da realidade social e comprometidos com sua transformação, então concordaremos que a educação que nega ou restringe qualquer destas áreas de conhecimento, nega e restringe a possibilidade de emancipação cultural, de ampliar visões de mundo e de humanidade.

Por esta constatação, é que nos dispusemos a resgatar essa experiência de Arte e ensino de Arte que, embora não represente o universo da mesma e seu ensino, é parte significativa dele e necessita ser resgatada não para servir de exemplo, mas, para ser reinventada por aqueles que ajudaram a construí-la.

BOSI afirma que Arte é conhecimento exemplificando:

Sabemos, ainda que só intuitivamente, que, na gênese de um poema lírico de Safo ou de Manuel Bandeira, se deu um ato de percepção ou de memória de um momento vital para a consciência do poeta. Para a formalização verbal desse ato concorreram sensações, imagens, afetos e idéias; numa palavra, movimentos internos que se forma em correlação estreita com o “mundo” sentido, figurado, pensado. Esse vínculo é, à sua maneira, cognitivo. Tudo está em compreender melhor o modo pelo qual a intencionalidade poética apreende e penetra o que Dante chamou “o grande mar do ser”. (BOSI, 1995: 27)

Além da Disciplina Educação Artística, outras como a Educação Física se tornaram exemplos de história de lutas permanentes por espaço na educação formal como também visando a manutenção desse espaço constantemente ameaçado.

Para compreender a trajetória da disciplina, tornou-se necessário reconstruir a história do ensino da Arte partindo de sua gênese, compreendendo-o como componente curricular. Desse modo, no primeiro capítulo do trabalho procurou-se destacar as transformações ocorridas nesse ensino, desde o processo de industrialização até o pós-modernismo, buscando-se sobretudo identificar as influências teóricas e metodológicas.

Sendo assim, no ensino da arte cujo objetivo era a preparação para a indústria,

evidenciou-se as teorias e metodologias fundadas nas idéias liberais e positivistas que buscavam principalmente nos modelos educativos americanos e na concepção neoclásica de desenho sua constituição e desenvolvimento. Na escola tradicional, enfatizou-se o desenho decorativo, a aprendizagem pela repetição de modelos e o sentido utilitário do ensino e, além disso, a inclusão da música e trabalhos manuais no currículo escolar a partir de 1950.

Seguindo uma ordem cronológica, no ensino de arte modernista, a ênfase recaiu na Escola Nova, suas origens na Europa e Estados Unidos e seus reflexos no Brasil já nos anos 60. Foram também abordadas as influências das pesquisas no campo da Psicologia, e do desenvolvimento do desenho das crianças e jovens, ressaltando-se principalmente as contribuições do filósofo americano John Dewey, do filósofo inglês Herbert Read, do filósofo alemão Viktor Lowenfeld, e do educador tcheco Franz Cízec.

No ensino da Arte do Pós-modernismo, tratou-se de focar o “Movimento de Arte-Educação” constituído a partir da articulação e mobilização de professores de Educação Artística, permitindo que fossem ampliadas as discussões sobre a formação dos professores, a fragilidade dos conhecimentos e a competência na área. Procurando demarcar o período em que se inscreve esta investigação, os anos 90 foram destacados como cenário das principais transformações ocorridas no âmbito do ensino da Arte no Brasil, buscando-se apresentar as novas tendências curriculares, propostas, tentativas de mudança, os avanços conseguidos e os recuos inevitáveis neste processo.

O Projeto de Arte-Educação nas Escolas Municipais de Uberlândia, tema do 2º capítulo dessa dissertação, foi abordado a partir de uma contextualização política do município e da Educação Municipal, ressaltando-se as políticas públicas, e as contribuições e conseqüentes transformações no campo do ensino municipal.

Buscou-se prioritariamente neste capítulo, analisar o projeto como um documento que representou o início das transformações no campo do ensino da Arte nas escolas municipais. Nesse sentido, ele foi desmembrado em suas partes constitutivas evidenciando-se seus objetivos, suas transformações a partir do momento em que se torna coletivizado e as alterações advindas do seu desenvolvimento e expansão. Para além disso, impôs-se a necessidade de complementar nossa análise com o depoimento de professores-arte-educadores que foram entrevistados para esta pesquisa, e que emprestando-nos suas falas contribuíram para a reconstrução dessa experiência, da qual eles são os principais atores e agentes.

No terceiro e último capítulo, utilizando-se da história oral temática, evidenciamos as mudanças na disciplina representadas pelos saberes e práticas dos professores. Assim, todas as discussões propostas nos capítulos anteriores foram resgatadas e aprofundadas, tornando-se claras as bases teóricas e conceituais do ensino da arte, as principais contribuições para o desenvolvimento desse ensino, as formações inicial e continuada dos professores e as mudanças ocorridas na disciplina durante o período investigado, buscando-se identificar os fundamentos históricos e as práticas sociais que as originaram.

Por fim, este trabalho não ambiciona de forma alguma esgotar este assunto ou concluí-lo. Pelo contrário, a intenção é abri-lo à perspectiva de novas frentes de investigação sobre o tema, além de servir à inspiração de arte-educadores, é, sem dúvida, a expectativa maior da exposição desta experiência.

Referências Bibliográficas

BARBOSA, Ana Mae Tavares. *A Imagem no Ensino da Arte*. São Paulo/ Porto Alegre: Perspectiva/Iochpe, 1991.

BOSI, Alfredo. *Reflexões sobre a Arte*. São Paulo: Ática, 1995.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS DE ARTE - 3º e 4º Ciclos do Ensino Fundamental/Arte, Brasília: MEC, 1998.

LOWENFELD, V. e BRITAIN, W.L. *Desenvolvimento da Capacidade Criadora*. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

MEIHY, José Carlos Sebe (org.) *(Re) Introduzindo História Oral no Brasil*. São Paulo: Xamã, 1996.

NÓVOA, Antônio (coord). *Para uma análise das instituições escolares*. As organizações escolares em análise. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1992.

OSTROWER, Fayga. *Acasos e criação artística*. Rio de Janeiro: Campus, 1995.

PORCHER, Louis (org.). *Educação Artística: luxo ou necessidade?* São Paulo: Summus, 1982.